

A PRESENÇA DE MARCAS EM RESTOS FAUNÍSTICOS DE UM GRANDE SÍTIO TUPIGUARANI NO MUNICÍPIO DE CANDELÁRIA, RS

Camila Sandrin¹

Introdução

No trabalho apresentamos os resultados da análise das marcas de manipulação encontradas nos restos faunísticos de um sítio arqueológico Tupiguarani do município de Candelária, região central do estado do Rio Grande do Sul. O sítio, nas propriedades de Arno Schröder, Ivo Scolaudi e Ervino Quoos está localizado na margem esquerda da sanga Tibiri, afluente da margem esquerda do rio Pardo, distando 2 km da sede da cidade.

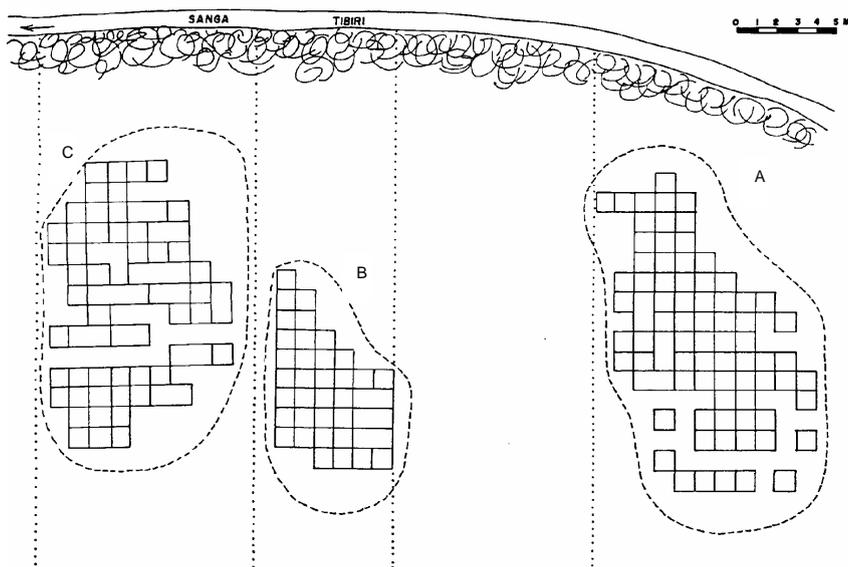


Figura 1 - Os três núcleos do sítio - C, B e A.

O sítio compõem-se de três núcleos de solo escurecido pela presença de carvão e cinza e apresenta grande quantidade de material arqueológico. Os núcleos têm aproximadamente as seguintes medidas: A - 20 x 10 m; B - 12 x 6 m; C - 20 x 9 m. Foram escavados praticamente na sua integridade (Schmitz *et al.*, 1990).

¹ Bolsista UNIBIC/UNISINOS anchietano@unisinors.br Orientador: Pedro Ignácio Schmitz PESQUISAS, ANTROPOLOGIA N°67: 173-184 São Leopoldo : Instituto Anchietao de Pesquisas, 2009.

Na margem direita da sanga Tibiri, a 5 Km da cidade de Candelária, encontra-se outro sítio semelhante, na propriedade de Hardy Priebe. Em quadrículas de tamanhos variados, foram escavados 28,5 m² de uma mancha de terra preta, de cerca de 13 x 4 m, considerada parte de um espaço habitacional. Os diários de campo não deixam claro se se trata de um espaço habitacional isolado ou se estaria associado a outras manchas pretas, o que seria mais comum em sítios da Tradição Tupiguarani, que costumam ser caracterizados como aldeias com mais de uma habitação. Este sítio foi estudado por Jairo Henrique Rogge (1996).

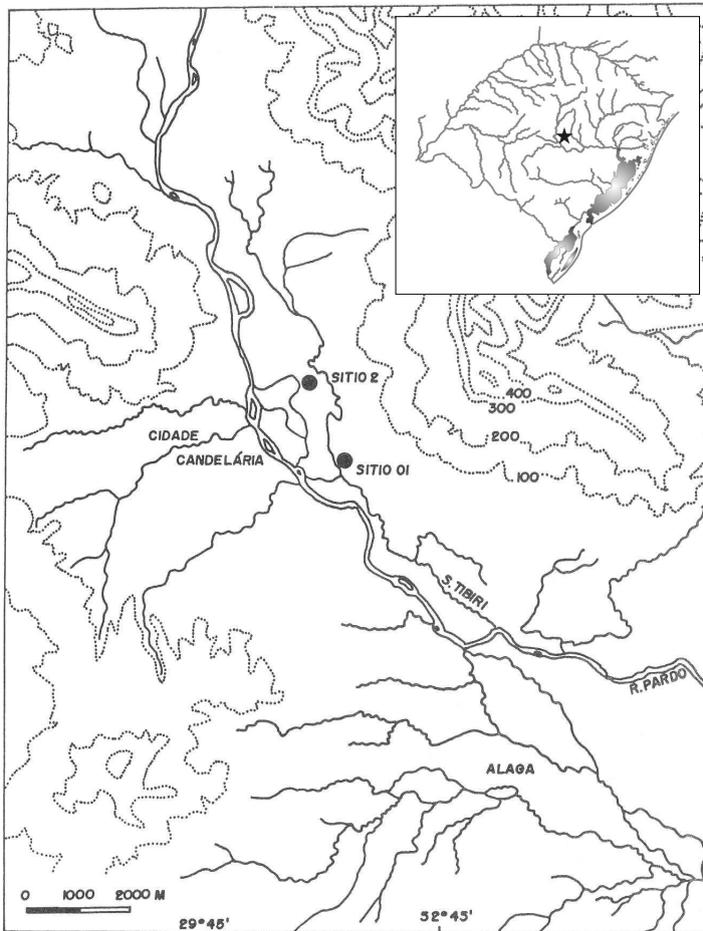


Figura 2 - Localização dos dois sítios no município de Candelária.

A escavação do sítio que estudo, foi realizada entre os anos de 1968 e 1974, por técnicos e encarregados do Museu do Colégio Mauá, da cidade de Santa Cruz, RS. Nos três núcleos escavados, o material foi retirado em quadrículas de 1 m², utilizando dois níveis de referência: o nível atingido pelos instrumentos de plantio, e os estratos subjacentes. A camada arqueológica tem uma espessura média de 30 a 40 cm, com interrupções que poderiam indicar ocupação sucessiva ou abandono temporário do espaço (Schmitz *et al.*, 1990). Do trabalho de escavação resultou grande quantidade de material arqueológico, principalmente fragmentos cerâmicos, massas preparadas para fazer cerâmica, seixos sem marcas de uso, lascas, núcleos e artefatos, pedras usadas como suportes de panela, fragmentos produzidos pelo fogo, e numerosos e bem conservados restos faunísticos.

Objetivo e Método

O objetivo deste trabalho é estudar as marcas produzidas pelo homem na manipulação e processamento da caça trazida para dentro das casas e recuperado nas escavações. As marcas ajudam a compreender a manipulação humana dos animais apreendidos para fins alimentares e outros fins, talvez menos evidentes. As marcas podem estar relacionadas com processos de extração da pele, desarticulação das carcaças, preparação das carnes para consumo, abertura dos ossos para a apropriação do tutano e aproveitamento de partes para a produção de artefatos. É preciso prestar atenção para separar as marcas relacionadas com atividades humanas, de marcas semelhantes causadas por animais e processos naturais. Elas se constituem principalmente de marcas de corte, de fraturas, de alisamento, de perfurações e de alteração térmica.

Quando se analisam os restos faunísticos se busca o entendimento da utilização dos animais para alimentação e a manipulação a que são submetidas suas carcaças (Lima, 1989). O objetivo mais importante da análise de remanescentes da fauna em sítios arqueológicos para Perkins (1973) seria a determinação da importância relativa dos animais selvagens e domésticos como recurso alimentar e a posição de cada espécie nessa utilização. Não tendo a presença de animais domésticos nas camadas arqueológicas do sítio de Candelária, nos propomos observar a manipulação diferenciada em animais de porte diferente.

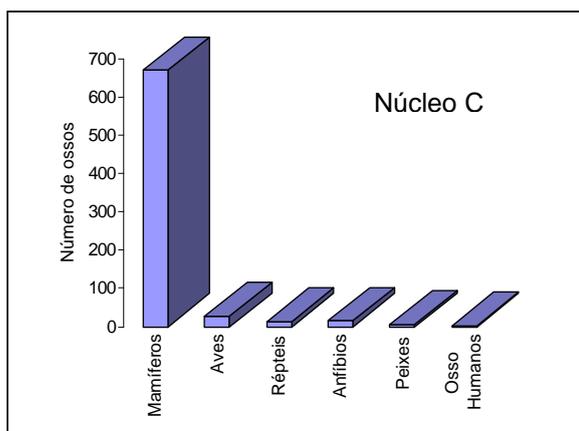
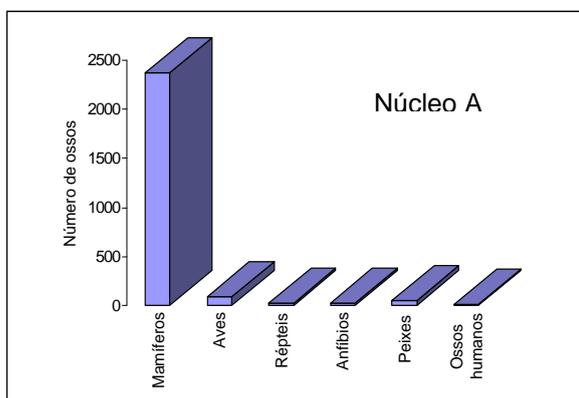
No sítio em análise, apesar de a área ter sido cultivada por várias gerações (Schmitz *et al.*, 1990), os restos faunísticos são numerosos, estão bem conservados e permitem boa observação.

A identificação biológica dos animais fora realizada anteriormente por André Luís Jacobus (Schmitz *et al.*, 1990:79-95), consistindo nosso trabalho no estudo das marcas deixadas pela manipulação humana nesses restos, marcas que consistem de cortes, fraturas, alisamentos, perfurações e alterações térmicas. As fraturas, os alisamentos, as perfurações e as alterações térmicas são visíveis a olho nu. Alguns cortes também são visíveis à vista desarmada,

mas a sua identificação foi feita com o auxílio de lupa binocular. Não nos consideramos aptos a identificar os instrumentos com os quais estes cortes teriam sido feitos, embora se possa presumir que tenham sido realizados com artefatos de pedra. Após a identificação, as marcas observadas foram registradas em planilhas.

Resultados

O sítio proporcionou 3.753 restos faunísticos identificáveis que, separados por classes de animais, resultaram em 3.473 ossos de mamíferos (92,5%), 121 de aves (3,2%), 40 de répteis (1%), 44 de anfíbios (1,2%), 62 de peixes (1,6%) e 13 de humanos (0,3%), estes aparentemente de um único indivíduo adulto.



A figura 3 mostra a distribuição dos ossos dessas classes nos núcleos A e C, respectivamente. No núcleo B aparecem somente mamíferos.

Nos três núcleos percebe-se nítida predominância dos restos ósseos da classe mamíferos. Segundo Jacobus (Schmitz *et al.*, 1990:79-95), os mamíferos de médio e grande porte identificados no sítio são: cervo-do-pantanal, veado-mateiro, anta, porco-do-mato-queixada, capivara; de pequeno porte são: paca, cutia, ratão-do-banhado, jaguatirica, graxaim, mão-pelada, zorrilho, lontra, bugio, mico, gambá, tapiti, ouriço-cacheiro e preá. As marcas observadas, por razões múltiplas, encontram-se predominantemente em mamíferos de porte médio e grande, sendo raras nos pequenos.

As marcas de corte, na sua grande maioria, foram encontradas em ossos longos, próximos a epífises, originadas possivelmente com a retirada da pele, a desarticulação e o descarte dos ossos, a separação de partes ou fragmentos para fins diversos, inclusive preparação de artefatos.

As marcas de corte que observamos estão assim distribuídas entre os núcleos:

No núcleo A, que tem muitos restos (ver figura 4), foram encontradas 71 marcas de corte, das quais 66 em ossos de mamíferos, 3 de aves e 2 de humanos (ver figura 7).

No núcleo B, que tem muito poucos restos (ver figura 8), não aparecem marcas de corte.

No núcleo C, que tem um número médio entre os núcleos A e B, aparecem 13 marcas de corte, também feitas em mamíferos.

Utilizando uma lupa binocular é possível separar, com relativa segurança, as marcas de cortes deixadas por instrumentos humanos, de marcas produzidas por dentes de roedores, raízes e outros fatores naturais.

As fraturas feitas nos ossos, se vinculam predominantemente à busca e à extração de tutano e se apresentam de quatro formas mais evidentes: em espiral, longitudinal, transversal regular e transversal irregular (Bonnichsen & Sorg, 1989). A origem concreta de cada uma dessas fraturas é difícil de estabelecer. As fraturas em espiral resultam freqüentemente de torção do osso; as fraturas longitudinais e transversais irregulares podem se originar de pressão em ambas extremidades; a fratura regular pode resultar de golpes do osso sobre um suporte duro ou do golpe de um objeto duro sobre o osso. Uma das consequências das quebras intencionais dos ossos pode ser o estilhaçamento das diáfises dos ossos longos. Esses fragmentos também poderiam ser usados para a produção de artefatos.

O fato de as fraturas aparecerem, na sua maioria, em ossos de mamíferos de médio e grande porte, deixa claro que se trata, predominantemente, da busca de tutano, sendo os ossos de mamíferos os únicos que o possuem.

Em nossa análise separamos os tipos de fraturas por classes de animais.

Núcleo A:

Fraturas	Mamíferos	Aves	Répteis	Anfíbios	Humanos
Em Espiral	42	1			3
Longitudinal	34				3
Transversal Regular	24	1			
Transversal Irregular	85				
Total	185	2	0	0	6

No núcleo B não apareceram ossos com essas fraturas.

Núcleo C:

Fraturas	Mamíferos	Aves	Répteis	Anfíbios	Humanos
Em Espiral	5				1
Longitudinal	4	1			
Transversal Regular	8				
Transversal Irregular	24				
Total	41	1	0	0	1

Além dos cortes e das fraturas, observamos também alterações térmicas. Elas podem estar relacionadas com o emprego do fogo, direta ou indiretamente, para a preparação do alimento ligado ao osso; ao endurecimento de um osso transformado em artefato; e podem ser acidentais porque o osso foi jogado ou abandonado em fogueira, até mesmo para servir de material de combustão. Em nossa análise não nos arriscamos a separar as alterações térmicas de acordo com sua possível origem e apenas registramos sua presença por classes de animais.

No núcleo A, foram registrados 402 restos faunísticos com alterações térmicas dos quais 384 são de mamíferos, 11 de aves, 3 de répteis, 2 de anfíbios e 2 de humanos.

No núcleo B, foram registrados 14 restos faunísticos com alterações térmicas, todos pertencentes à classe dos mamíferos.

No núcleo C, foram registrados 123 restos faunísticos com alteração térmica, dos quais 113 são de mamíferos, 3 de aves e 7 de répteis.

Chama atenção o aparecimento de ossos queimados de répteis e anfíbios. São, geralmente, espécimes pequenos que não apresentam as marcas observadas em animais de espécies maiores.

Alguns ossos apresentam traços de alisamento, ligados à produção de artefatos, como uma espátula feita em fíbula de mamífero de grande porte.

Outros ainda (um dente, no núcleo A, e um pequeno osso apontado, no núcleo C) foram perfurados, possivelmente para servirem de pingentes. A queima destes ossos poderia estar associada ao processo de produção ou consolidação do artefato.

Ossos humanos aparecem nos núcleos A e C e em quadrículas escavadas entre os núcleos B e C. Alguns possuem marcas de corte, fratura e alteração térmica, isoladas ou associadas. Os ossos humanos foram encontrados junto com os demais restos faunísticos e sugerem atividade de canibalismo.

A distribuição das marcas de manipulação nos restos faunísticos coincide com a dos restos ósseos encontrados nos núcleos (Schmitz *et al.*, 1990:99-106) e pode ser vista nas figuras abaixo, correspondentes aos núcleos A e B. Infelizmente não tivemos acesso ao croqui do núcleo C para registrar a respectiva distribuição.

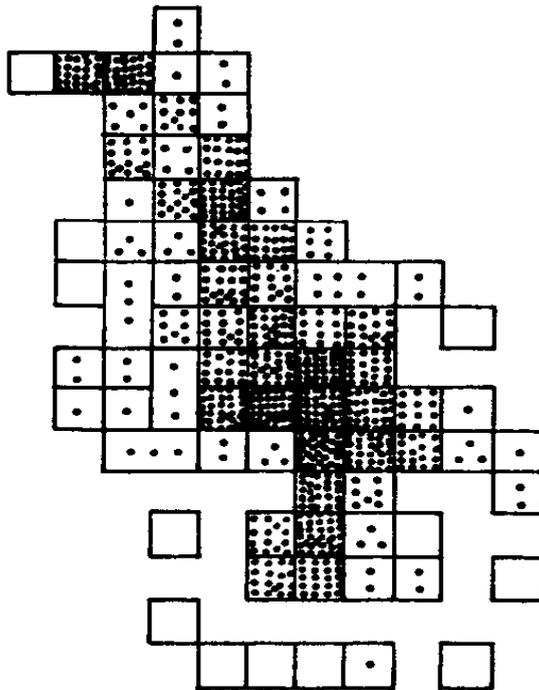


Figura 4: Distribuição geral dos ossos no núcleo A.

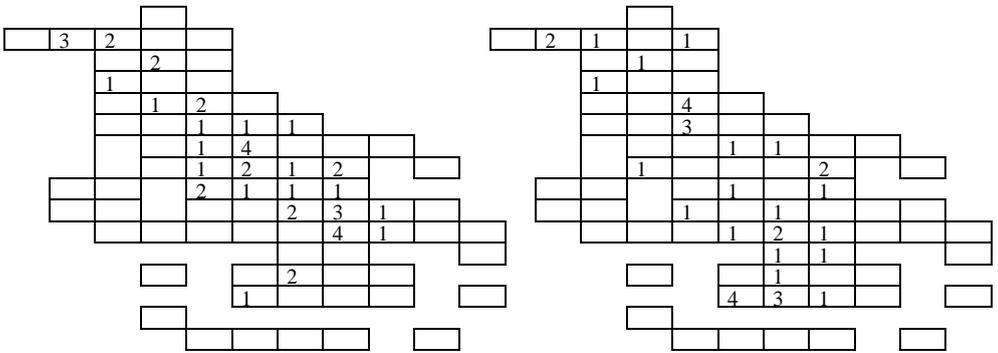


Figura 5: Distribuição de fraturas em espiral e longitudinal, núcleo A

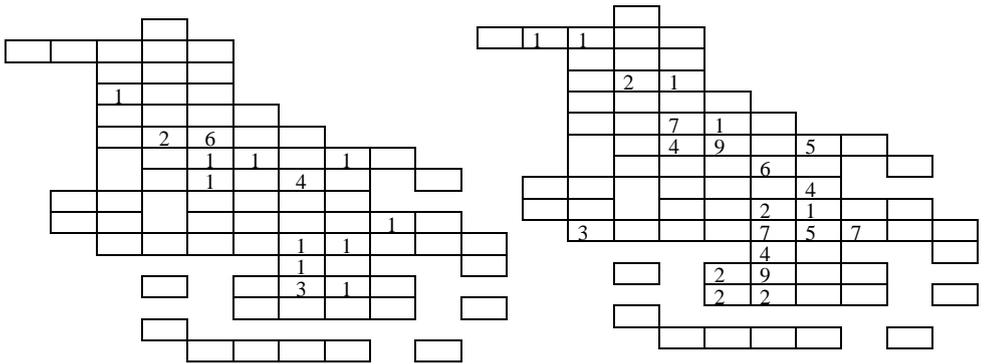


Figura 6: Distribuição de fraturas transversais regulares e irregulares, núcleo A.

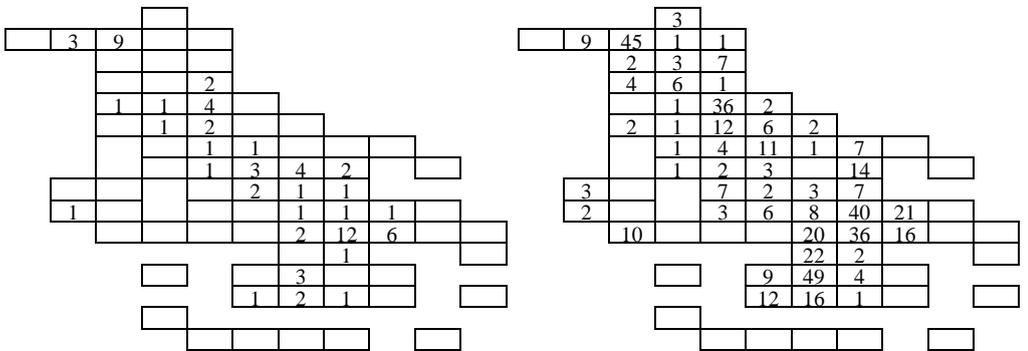


Figura 7: Distribuição total de ossos com marcas de corte e de ossos alterados térmicamente, núcleo A.

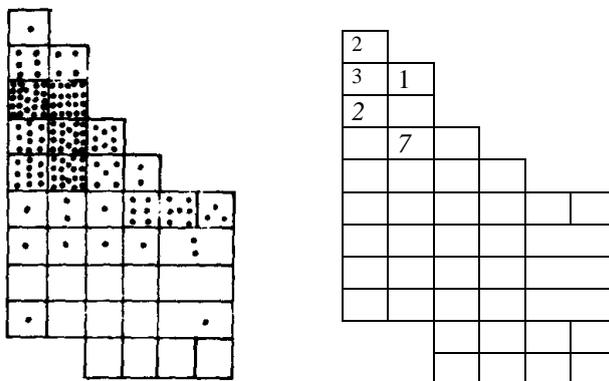


Figura 8: Distribuição geral dos ossos e dos ossos alterados termicamente, núcleo B.

Considerações

Quando se observa a distribuição do material do sítio de Candelária em três núcleos delimitados, se percebe que os materiais eram abandonados dentro das casas, não havendo lixeiras externas para a sua deposição. Nesses núcleos encontram-se as pedras que formavam os fogões, encontram-se as panelas quebradas, muitas ainda no fogão e também se encontram os ossos dos animais usados na alimentação, o que possibilita não apenas saber que os alimentos eram ali preparados e consumidos, mas também quais são estes animais e, ao menos, parte de sua manipulação. As marcas que observamos podem estar relacionadas com processos de extração da pele, desarticulação das carcaças, preparação das carnes para consumo, abertura dos ossos para a apropriação do tutano e aproveitamento de partes para a produção de artefatos. Nota-se uma coincidência na localização dos ossos manipulados com a dos que não apresentam marcas, indicando que também não existe um lugar específico para as intervenções estudadas. Os restos de alimentos eram abandonados dentro das casas, na proximidade dos fogões nos quais eram preparados e junto aos quais eram consumidos.

Possivelmente os animais pequenos seriam levados inteiros para dentro da habitação e lá seriam manipulados, mas também é possível que suas peles, cascos ou carapaças sejam retiradas ao ar livre; nos animais de grande porte talvez a manipulação externa seria maior, mas sem lugar fixo para seu processamento. Com os restos de ossos animais foram encontrados também ossos humanos, provenientes de um adulto, que apresentam as mesmas marcas. Como só aparecem poucos ossos, podemos imaginar que a manipulação do corpo teria sido fora da casa e partes distribuídas pelos

moradores da aldeia. Mas isto não se pode generalizar, sem mais para o mundo animal. Sobre a manipulação ficam numerosas dúvidas.

Do total de 3.473 ossos de mamíferos recuperados dentro dos núcleos, 305 (8,8%) têm marcas. Considerando que desse total apenas 26% correspondem a ossos com cortes, sobrando 74% de ossos quebrados, nos damos conta da importância que teria a extração de tutano para a alimentação, atividade que seria realizada dentro da casa depois do consumo da carne ligada ao osso. No caso dos ossos humanos a proporção é semelhante: 22% sobre 78%.

No caso dos 121 ossos de aves 5% apresentam marcas; 50% são cortes e 50% são fraturas. Esses ossos não têm tutano, mas são muito úteis para fazer pequenos instrumentos e um maior número de cortes poderia estar ligado à produção de artefatos com esses longos ossos ocós.

Dentro das habitações, junto com os demais restos, encontram-se ossos polidos, queimados e perfurados, que supomos sejam artefatos.

Nosso estudo comprova que a atividade dentro das casas era intensa, resultando em considerável acúmulo de lixo, não removido e bom de estudar.

Agradecimentos: Agradeço ao biólogo André Osorio Rosa pela introdução ao estudo das marcas nos ossos e a assessoria geral na elaboração do trabalho. Ao Fúlvio Vinicius Arnt pelo apoio nas figuras. Ao meu orientador Pedro Ignácio Schmitz pelo acompanhamento do trabalho.

Referências bibliográficas

BONNICHSEN, R. & SORG, M. H. (ed.), 1989. *Bone Modification*. Orono (Maine), Center for the Study of the First Americans.

LIMA, T. A. 1989. Zooarqueologia: Considerações teórico-metodológicas. *Dédalo*, Publ, Avulsa 1:175-189. São Paulo, USP.

PERKINS, D. J. 1973. A critique on the methods of quantifyng faunal remains from archaeological sites. MATALOSCI, J. (ed). *Domestications Forschung der Haustiere*.

ROGGE, J. H. 1996. Adaptação na Floresta Subtropical: A Tradição Tupiguarani no Médio Rio Jacuí e no Rio Pardo. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 06. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas.

SCHIMITZ, P. I.; ARTUSI, L.; JACOBUS, A. L.; GAZZANEO, M.; ROGGE, J. H.; MARTIN, H. E. & BAUMHARDT, G. 1990. Uma Aldeia Guarani: Projeto Candelária, RS.. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 04. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas.

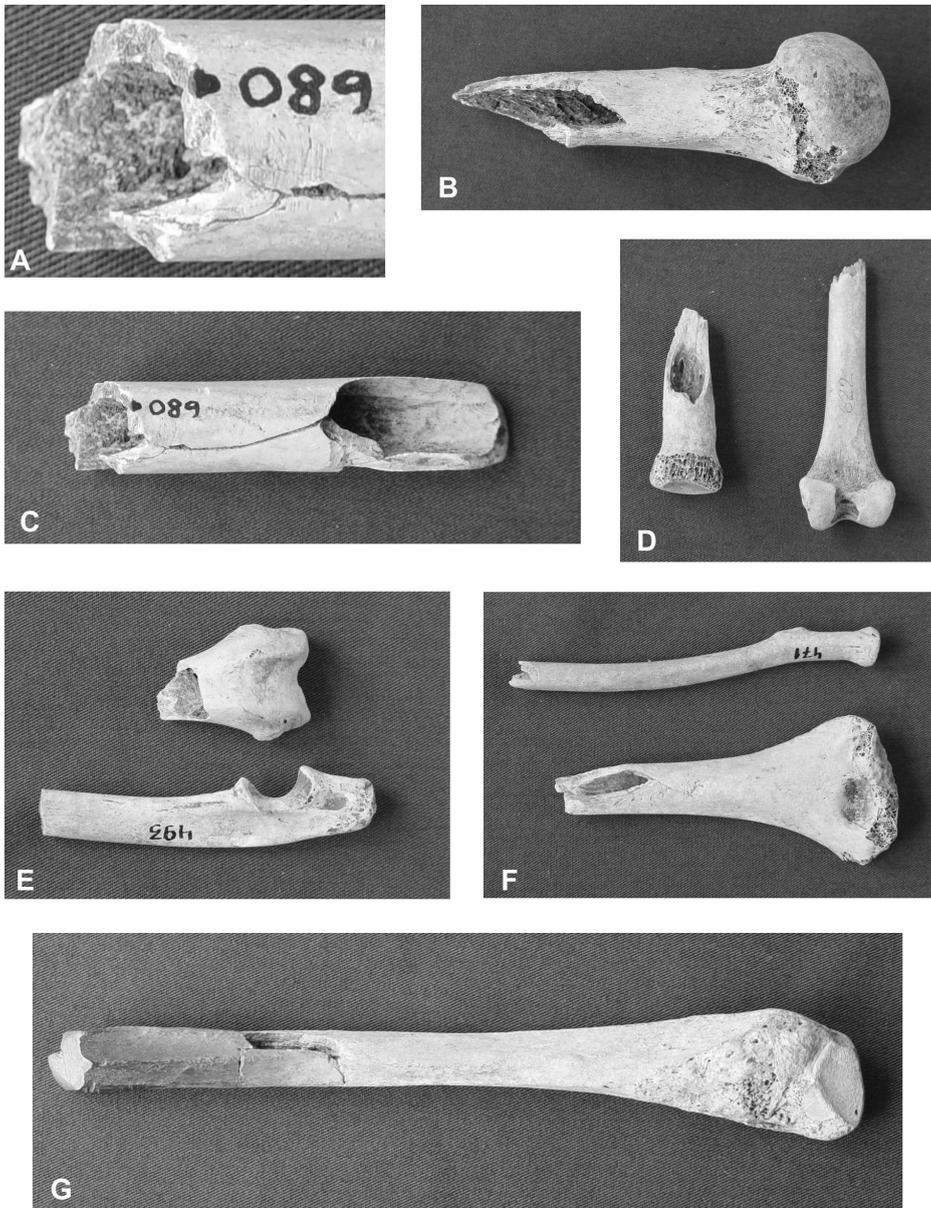


Figura 9: Ossos com marcas: A = corte; B = humano fratura em espiral; C = transversal irregular e em espiral; D = humano, em espiral e mamífero em transversal irregular; E = longitudinal e transversal regular; F = mamífero em transversal irregular e humano em espiral; G = espátula com queima.

